

Izaltina Goulart- Escola de Enfermagem¹

Rita de Cássia Marques

A história da Escola de Enfermagem da UFMG tem em Izaltina Goulart de Azevedo, umas de suas principais personagens. A história da Professora Izaltina na Escola de Enfermagem começa em 1947, quando se matricula na Escola de Enfermagem do Departamento de Saúde do Estado de Minas Gerais. Seu ingresso tardio na Escola, aos 30 anos, contudo, não abreviou o seu trabalho nem arrefeceu a sua dedicação.

Sua carreira pode ter-se iniciado tardiamente, mas a escolha da profissão, por outro lado, se deu ainda nos tempos de menina, quando dava cuidados de enfermagem aos colonos da fazenda onde morava. Naquele tempo, ser enfermeira era uma atividade marginalizada e, com a resistência da família, preferiu ser professora. Após formada, em 1936, continuou prestando cuidados aos seus alunos da escola primária e às suas famílias. O estudo formal de Enfermagem precisou vencer os obstáculos colocados pela família. Segundo seu próprio testemunho: "A Escola nada oferecia em relação ao futuro, e à profissão muito menos. Nem uma nem outra prometia segurança. Era um verdadeiro mergulho na escuridão."

Habituada aos desafios, Izaltina resolveu esperar para ver onde iria parar. Não teve coragem bastante para confessar aos seus familiares a sua decepção com o curso. O número de professores era reduzido. O espaço físico e as verbas eram escassos.

Antes da metade do curso, que era de três anos intensivos, a Diretora da Escola, Professora Walesca Paixão, por motivos de saúde decorrentes das dificuldades que a Escola enfrentava, renunciou à Diretoria e se transferiu para a Escola Ana Néri. Isto motivou o início de um período de regressão para a Escola. A vice-diretora, Rosa de Lima Moreira, suspendeu por dois períodos as matrículas. Com isso, as alunas e professoras, responsáveis pelo serviço de enfermagem, passaram a ter uma carga de trabalho pesada demais. Mas havia o Hospital, o paciente e os professores de Medicina, cujas aulas começavam a fasciná-la.

Em 1948, o Departamento de Saúde se transformou em Secretaria e o Secretário escolhido pelo Governador Milton Campos, foi o Professor José Baeta Viana, da

¹ Recebido em março de 1999

Faculdade de Medicina, que, pressionado pelo Diretório Acadêmico, entregou a direção da Escola à Irmã Helena Maria Villac, que voltava de um curso de Pós-Graduação nos Estados Unidos.

Por essa época, tramitava o processo de federalização da Faculdade de Medicina e uma das exigências, era que a Faculdade tivesse um Curso de Enfermagem a ela vinculado. O Professor Baeta Viana, tendo uma Escola de Enfermagem em suas mãos, na Secretaria de Saúde, que também não tinha verbas suficientes, não teve dúvidas. Mandou fazer uma emenda no processo de federalização da Faculdade de Medicina, anexando a ela a Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Infelizmente, não constou da emenda nenhuma estrutura para a Escola no plano federal: nem verbas, nem quadro de pessoal, nem direitos, nem obrigações. Não tinha Diretora nomeada para o cargo, era apenas um cargo de confiança do Diretor da Faculdade de Medicina. Disso decorreu um período de angústias e incertezas para todos os que se empenharam na sobrevivência da Escola.

A Faculdade de Medicina lutava, também, com uma série de problemas decorrentes da federalização tanto na expansão de seu espaço físico, quanto nas transformações curriculares e, especialmente, nos seus campos de estágio. Isto fez com que ela relegasse a segundo plano a Escola de Enfermagem.

Como, na época, o número de enfermeiros era muito reduzido, os Institutos de Previdência começaram a absorver a maioria dos profissionais em seus serviços de saúde, ninguém gostaria de assumir um trabalho em uma Escola que saíra do Estado e ainda não consolidara sua anexação. O Hospital da Prefeitura, enquanto campo de estágio, foi trocado pelo Hospital São Vicente, que, hoje, constitui o Hospital das Clínicas. E isso foi difícil.

Depois de cinco anos da data da anexação, foi mais ou menos regularizada a situação de professores e funcionários. Aos primeiros foi dada a classificação de Instrutor de Ensino nível 19, o que foi concedido, também, aos médicos contratados na Faculdade de Filosofia, possibilitando melhor distribuição dos horários.

Dentro dessa realidade, Izaltina foi convidada para ficar na Escola, mesmo antes da formatura. Não havia professores para Enfermagem em Doenças Transmissíveis e a Diretora a enviou a Santos para fazer um estágio.

Buscando aprimorar sua prática como professora, licenciou-se e bacharelou-se na Faculdade de Filosofia da UFMG.

Entre os momentos de entusiasmo e as crises de desalento, sempre procurou manter a esperança. O aluno e o doente constituíam seus grandes objetivos: o doente amenizava as dores que a saudade da Faculdade de Filosofia provocava, e os estudantes eram aqueles para os quais ela procurava abrir novos caminhos.

Os primeiros 18 anos de Escola, já anexada foram duros e até mesmo amargos: a Escola não possuía o seu prédio, o seu espaço físico, funcionando sempre em casas alugadas; não dispunha de material de ensino; não podia contratar funcionários, nem seus professores. conseguiram bolsas para cursos de Pós-Graduação, que só existiam nos Estados Unidos.

Uma das poucas a conseguir bolsa, nessa época, foi Izaltina. Obteve bolsa de estudos pela Fundação Rockefeller para ficar um ano nos Estados Unidos, do Conselho Britânico e da Associação de Enfermeiros Portugueses para conhecer a área de saúde na Inglaterra e em Lisboa.

Se, por um lado, a congregação da Faculdade parecia ignorar tanto o currículo como a maioria dos problemas da Escola de Enfermagem, por outro lado, os professores médicos tanto os da área básica como os de fundamentação clínica em todas as disciplinas da área médica, deram tudo o que havia de melhor para a formação da maioria dos professores que compunham o novo corpo docente.

Segundo Izaltina, a "Escola atravessou todos os seus vendavais porque havia aqui um grupo de professores e funcionários que acreditavam em Deus e tiveram esperança no futuro desta Escola."

Suas aulas foram dadas com muita seriedade, tanto as de Enfermagem em Doenças Transmissíveis, quanto as de Ética e História da Enfermagem. Enquanto ministrava aulas na Enfermagem Médica, convidou para a fundamentação clínica os professores mais sérios e mais competentes.

Sua disposição e dedicação a levaram-na a ocupar diversos cargos na Escola de Enfermagem nas décadas de 60 e 70. Sempre acreditando na mocidade, jamais ocultou das suas alunas os problemas que a Escola estava vivendo e procurando estimulá-las na luta por ela, infundiu-lhes coragem e esperança, frisando sempre que era importante lutar pela saúde do povo brasileiro.